

**Pesquisa (auto) biográfica
em educação**

*infâncias e adolescências em espaços
escolares e não escolares*



Reitora

Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitor

José Daniel Diniz Melo

Diretor da EDUFERN

Luis Álvaro Sgadari Passeggi

Conselho Editorial

Luis Álvaro Sgadari Passeggi (*Presidente*)

Alexandre Reche e Silva

Amanda Duarte Gondim

Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra

Anna Cecília Queiroz de Medeiros

Anna Emanuella Nelson dos Santos Cavalcanti da Rocha

Arrailton Araújo de Souza

Carolina Todesco

Christianne Medeiros Cavalcante

Daniel Nelson Maciel

Eduardo Jose Sande e Oliveira dos Santos Souza

Euzébia Maria de Pontes Targino Muniz

Francisco Dutra de Macedo Filho

Francisco Welson Lima da Silva

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Glória Regina de Góis Monteiro

Heather Dea Jennings

Jacqueline de Araújo Cunha

Jorge Tarcísio da Rocha Falcão

Juciano de Sousa Lacerda

Julliane Tamara Araújo de Melo

Kamyla Alvares Pinto

Luciene da Silva Santos

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Zikan Cardoso

Marcos Aurélio Felipe

Maria de Jesus Gonçalves

Maria Jalila Vieira de Figueiredo Leite

Marta Maria de Araújo

Mauricio Roberto Campelo de Macedo

Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento

Paulo Roberto Medeiros de Azevedo

Regina Simon da Silva

Richardson Naves Leão

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Samuel Anderson de Oliveira Lima

Sebastião Faustino Pereira Filho

Sérgio Ricardo Fernandes de Araújo

Síbele Berenice Castella Pergher

Tarciso André Ferreira Velho

Teodora de Araújo Alves

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Tiago Rocha Pinto

Veridiano Maia dos Santos

Wilson Fernandes de Araújo Filho

Editoração

Maria da Conceição Passeggi

Revisão de texto

Os autores

Design Editorial

Wilson Fernandes

*Maria da Conceição Passegi
Martine Lani-Bayle
Ecleide Cunico Furlanetto
Simone Maria da Rocha*
Organizadoras

**Pesquisa (auto) biográfica
em educação**
*infâncias e adolescências em espaços
escolares e não escolares*



Direitos de publicação em língua portuguesa no Brasil:
EDUFRRN – Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Avenida Salgado Filho, 3000 - Campus Universitário
59.078-970 – Natal-RN
Brasil
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999.
Em vigor no Brasil desde 2009.

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN/ Biblioteca Central Zila Mamede

Pesquisa auto (biográfica) em educação [recurso eletrônico]: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares/ organizadores Maria da Conceição Passegi... [et.al.]. – Natal, RN: EDUFRRN, 2018.
392 p. : PDF ; ??? Kb.

Modo de acesso: <http://https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25263>
ISBN

1. Pesquisa educacional. 2. Educação – Autobiografia. 3. Educação de crianças. 3. Narrativas pessoais. I. Passegi, Maria da Conceição.

RN/UF/BCZM

2018/59

CDD 370.78
CDU 37.012

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da UFRN - EDUFRRN
www.editora.ufrn.br | contato@editora.ufrn.br | +55 84 3342 2221
Av. Senador Salgado Filho, 3000. Campus Universitário, Lagoa Nova.
Natal/RN, Brasil | CEP 59.078-970

Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica ∞ Educação

De que modo os percursos de vida contemporâneos, caracterizados pela pluralidade das experiências educativas, sociais e profissionais, singularizam-se nas histórias individuais? A pesquisa (auto)biográfica analisa as modalidades segundo as quais os indivíduos e, por extensão, os grupos sociais trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem ao longo da vida.

As fontes (auto)biográficas, constituídas por histórias de vida, relatos orais, fotos, diários, autobiografias, biografias, cartas, memoriais, entrevistas, escritas escolares e videográficas, configuram-se como objeto de investigação transversal nas Ciências Sociais e Humanas. Em Educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos.

O símbolo do infinito presente no título da coleção “Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação”, sugestivamente, tem a intenção de marcar a abertura entre esses dois espaços e investir na liberdade de percorrer diferentes domínios da atividade humana mediante essa dupla entrada, a do (auto)biográfico e a do educativo.

Concebida numa perspectiva intercultural, a coleção acolherá textos sob a forma de relatos, ensaios, trabalhos de pesquisa que confirmem as diversidades — geográfica e teórica — de situações, de abordagens e de pontos de vista.

Coordenação	<i>Maria da Conceição Passeggi - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil Elizeu Clementino de Souza - Universidade do Estado da Bahia - Brasil Christine Delory-Momberger - Universidade de Paris 13/Nord</i>
Conselho Científico	<i>Ana Chrystina Venancio Mignot - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Brasil Antonio Bolívar - Universidade de Granada - Espanha Ari Antikainen - Universidade de Joensuu - Finlândia Christoph Wulf - Universidade Livre de Berlin - Alemanha Conceição Leal da Costa - Universidade de Évora - Portugal Danielle Desmarais - Universidade do Québec a Montreal - Canadá Daniel Soárez - Universidade de Buenos Aires - Argentina Duccio Demetrio - Universidade degli Studi di Milano Bicocca - Itália Ecleide Cunico Furlanetto - Universidade Cidade de São Paulo - Brasil Elsa Lechner - Centro de Estudos em Antropologia Social do ISCTE - Portugal Gabriel Jaime Murillo - Universidade de Antioquia - Colômbia Gaston Pineau - Universidade François Rabelais - França Giorgos Tfiolis - Universidade de Creta, Rethymo - Grécia Guy de Villers - Universidade Católica de Louvain la Neuve - Bélgica Henning Salling Olesen - Universidade de Roskilde - Danemark Hervé Breton - Université François Rabelais - França Laura Formenti - Universidade degli Studi di Milano Bicocca - Itália Linden West - Universidade de Canterbury - Inglaterra Mária Helena M. B. Abrahão - Universidade Federal de Pelotas - Brasil Marta Maria de Araújo - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil Peter Alheit - Universidade Georg August, Göttingen - Alemanha Pierre Dominicé - Universidade de Genebra - Suíça Victoria Marsick - Teachers College, Columbia University, New York - EUA Valerij V. Savchuk - Universidade de Saint-Petersburg - Rússia</i>
Apoio	<i>CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico ANNHIVIF - Associação Norte-Nordeste das Histórias de Vida em Formação</i>

*A todas as crianças e
jovens que nos ensinam a melhor
compreender o universo da infância
e da juventude.*

Agradecimentos

A todas as pessoas que nos deram suas histórias e participaram das pesquisas apresentadas neste livro.

A todas as instituições que nos abriram suas portas.

Ao CNPq e CAPES pelo apoio inestimável às pesquisas realizadas, à formação de novos pesquisadores e à constituição de redes nacional e internacional de pesquisa (auto)biográfica com crianças.

Narrativas (auto) biográficas de crianças

alguns pontos em análise

Teresa Sarmiento – IE-UM

Introdução

A investigação, no campo educativo, desenvolvida com base na voz das crianças, especificamente sustentada em métodos (auto)biográficos, é uma área em emergência, o que, enquanto pesquisadora sediada neste paradigma investigativo e focalizada nos estudos da criança e na formação dos seus educadores, me tem colocado questões de várias ordens, seja em termos das finalidades, dos processos de construção, bem como dos procedimentos éticos que comportam, e da interpretação das narrativas biográficas das crianças pequenas⁴⁵.

Os métodos (auto)biográficos integram um conjunto alargado de formas, cujo núcleo comum é o relato da vida do sujeito biografado, seja por outrem - no caso das biografias -, seja pelo próprio - no caso das (auto)biografias, histórias de vida, diários, memoriais, entre outras modalidades. A participação efetiva dos biografados, com o uso da sua voz, isto é, a partir da sua experiência, reflexividade, decisão sobre o que narrar, faz a diferença entre umas e outras, superando a fronteira entre ser objeto ou sujeito de investigação.

No campo da literatura podemos encontrar um conjunto de obras **sobre crianças**, em número ínfimo em relação às biografias existentes sobre adultos, que se destacaram por algum

45 Uma vez que o texto aqui apresentado resulta da reflexão que tenho desenvolvido em interação com professores e investigadores, o mesmo será escrito com o uso do plural 'nós'.

motivo especial. É o caso, por exemplo, de Malala Yousafzai (menina paquistanesa que se tem destacado pela defesa dos direitos humanos, principalmente das mulheres, e dos direitos à educação entendendo-a como base para a emancipação de cada um), ou de Mozart (menino prodígio, que iniciou os seus trabalhos de composição musical aos cinco anos de idade), sendo possível encontrar também um conjunto alargado de biografias de crianças que as religiões apresentam como miraculosas, como se verifica em Portugal com os pastorinhos de Fátima (crianças que dizem ter visto e falado com a N^a Sr^a de Fátima, em 1917). Ainda no campo da literatura encontramos um conjunto amplo de biografias escritas **para crianças**, particularmente de pessoas que as sociedades vão identificando como especialmente relevantes, com uma diferença numérica incomensurável de homens para mulheres, em que sobressaem biografias de reis, de artistas e de cientistas.

O diário de Anne Frank, adolescente polaca que escreveu um diário realizado enquanto se encontrava com a sua família escondida num sótão, num período em que o seu país estava sob ocupação alemã, será o exemplo mais conhecido de uma narrativa escrita **por uma criança**, e que se constituiu como um referencial histórico para o conhecimento da vida de pessoas em condições adversas ao exercício da liberdade. Desse tempo, ficou também o registo feito por uma menina russa, Tanya Savicheva⁴⁶, que aos 12 anos de idade, durante a II Guerra Mundial, no espaço escondido onde vivia, foi escrevendo o seu diário onde deixou o registo dos seus entes próximos que iam sendo mortos. Também Renia Spiegel⁴⁷, judia que foi executada em 1942, aos 18 anos, numa pequena cidade polaca, nos deixou o seu legado por escrito, deixando para a história um testemunho pungente do que foi viver em tempo de guerra.

46 <https://m.megacurioso.com.br/acontecimentos-historicos/42187-o-diario-de-tanya-savicheva-conheca-a-historia-da-anne-frank-sovietica.htm> (acessado a 29/08/2018).

47 <https://www.publico.pt/2018/11/10/culturaipilon/noticia/diario-adolescente-ii-guerra-experimentei-tao-vida-nao-quero-morrer-medo-morte> (acessado a 10/11/2018).

Atualmente, no campo da pedagogia, da sociologia da infância e da educação, da psicologia e de outras ciências sociais, a mobilização de **narrativas biográficas de crianças** está bastante presente, realizadas sobretudo por investigadores e outros profissionais que entendem que a escuta da voz da criança é a base para o conhecimento sobre o que as mesmas sentem, pensam, como aprendem, como se desenvolvem, enfim, como vivenciam a sua infância.

Retomando a abordagem feita em texto anterior (SARMENTO, T. 2016), baseamo-nos em James e James (2008) os quais definem criança como ser humano nos estádios iniciais do seu ciclo de vida, em termos biológicos, psicológicos e sociais; a criança é um membro de uma geração que ocupa provisoriamente o espaço referido como infância. Alanen diz que “as crianças são construídas na sua identidade e diferenciadas dos adultos, o que envolve a acção social (‘agency’) das crianças, sendo um processo que se estabelece na prática social” (2001, pp. 20-21). Nesta imagem de criança realça-se a sua agência, entendendo-a como ator social pensante e competente para fazer escolhas e expressar ideias, cuja educação se realiza na base das interações entre si e com os adultos. As narrativas biográficas são um contributo muito significativo para dar visibilidade às crianças enquanto atores sociais, estando isso interdependente do reconhecimento do todo social a cada um, enquanto elemento pertencente à mesma sociedade, com efetividade de direitos de participação. Nesta asserção, as crianças são sujeitos a quem é reconhecido o direito de “poder vivenciar ativamente sua infância com dignidade e respeito [tal como] é referendado pela Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989) ao reconhecer a criança como cidadão ativo e participante da sociedade, e não mais um objeto passível apenas de proteção e de cuidado pelo Estado.” (FAVORETO e ENS, 2015, p. 46).

A infância é um conceito heterogéneo, plural, constituindo uma categoria geracional, cuja construção é social e historicamente muito diferenciada; como defendem os sociólogos da infância James e James “a concetualização e experiência de infância não é universal, ela varia segundo o tempo e o espaço em que se desenvolve” (2008, 23). Entende-se, assim, a infância

como realidade social emergente no âmbito de um conjunto de processos sociais, em que as crianças, suas constituintes, intervêm na produção dessa mesma realidade. A questão do espaço social ocupado pela infância é especialmente abordado por Qvortrup (2000), mostrando como há variações culturais experienciadas pelas crianças em cada uma delas, pelo que se tem que falar não em infância mas sim em infâncias. A infância, para Sarmiento, “é historicamente construída a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade” (2005, p. 365), sendo, por isso, um conceito que remete para um processo de sucessivas (re) construções. Neste processo, ainda que muitas vezes de forma invisível ou invisibilizada, as crianças – sujeitos integrantes da categoria infância - assumem protagonismo, tratando-se de um processo constantemente atualizado na prática social, em diversos contextos, a partir das interações das crianças entre si e com os adultos. As crianças, mesmo que nem sempre sejam reconhecidas na sua participação, elaboram narrativas sobre as suas experiências de vida, o que se constitui como uma forma de se auto(re)significarem e de se tornarem presentes nos contextos que habitam, tendo aí um espaço de ação/trans-formação muito relevante.

O presente texto decorre da reflexão que temos desenvolvido a partir da identificação e análise das condições de produção de narrativas biográficas de crianças até aos dez aos de idade, bem como da própria interpretação dessas narrativas, em jardins-de-infância e de escolas do 1º ciclo do ensino básico, reflexão essa motivada pela inserção numa comunidade de investigadores em que as abordagens (auto)biográficas com crianças se encontram em emersão. Nestes mundos de vida as crianças produzem narrativas biográficas, as quais podem ser pertinentes em duas dimensões principais: i) na relevância das mesmas no quotidiano educativo para a definição da ação educativa; ii) e quando inscritas num processo investigativo deliberado. Num e no outro âmbito, este processo parte, necessariamente, da escuta cujo sentido é aqui entendido como

[...] processo ativo de comunicação, consistindo em ouvir, interpretar e construir significados que não se limitam à palavra falada, mas tomam como ponto de partida o facto de crianças e adultos estarem expostos a múltiplas vozes, múltiplas perspectivas e múltiplas noções de qualidade em educação (LEAL da COSTA e SARMENTO, T. 2018, s/n).

Mais à frente voltaremos a esta citação para com ela analisarmos questões referentes à interpretação com e sobre as narrativas infantis, procurando problematizar até que ponto é possível ou esperável que a voz da criança seja efectivamente sua ou uma reconstrução das vozes daqueles que povoam o seu quotidiano vivencial.

A decisão em situar esta análise em escolas prende-se com o facto de ser esse o espaço em que a nossa investigação e ação formativa acontece e porque, sabendo como é comum e natural as crianças falarem de si e dos seus, nos interessa compreender quais as oportunidades que estas têm de “ser crianças para além de alunos” (PERRENOUD, 1995, p. 32), nesse contexto onde passam um tempo longo das suas infâncias. Na senda de Perrenoud, sabemos que a escola se tem traduzido, quase exclusivamente, pelo desenvolvimento das crianças como seres aprendentes dos saberes universais socialmente tidos como fundamentais, ficando muitas vezes de fora dimensões estruturantes do seu desenvolvimento global enquanto pessoas. No entanto, efetivamente a pessoa-criança está sempre lá e são muitas as vezes que narram situações da sua vida, sejam estas mais ou menos consentidas ou até escutadas como base para planificação educativa. Atender às narrativas biográficas que as crianças realizam no quotidiano educativo insere-se na crença de que essa prática “promove o crescimento e aprofundamento de uma cultura de escuta entre todos os envolvidos no trabalho com a criança, na valorização e respeito pelos seus pontos de vista” (LEAL DA COSTA e SARMENTO, T. 2018, s/n).

De forma aberta, numa abordagem quase naturalista, que nunca o é na totalidade porque a nossa atenção está sempre direcionada pelos objetivos de pesquisa que nos movem, procuramos resposta para algumas questões: O que narram as crianças sobre as suas experiências de vida? Há momentos

específicos, no decurso da rotina pedagógica, em que as narrativas acontecem? O processo narrativo acontece da mesma forma em jardim-de-infância e no 1º ciclo? O que investigamos quando realizamos narrativas biográficas com crianças? Num processo investigativo, faz sempre sentido criar momentos formais de entrevista narrativa? Como resolver as questões éticas num processo de investigação desta natureza? Como consegue o investigador, enquanto adulto, que viveu a sua infância em tempos e circunstâncias diferentes das do narrador, interpretar o sentido que as crianças atribuem às suas narrativas? Estas são questões que nos acompanharão ao longo de todo o texto e que se espera que suscitem o debate alargado a outros investigadores.

A criança, sujeito epistémico e biográfico

A abordagem que seguimos entende a criança como sujeito biográfico na sua “complexidade dialética de nossa própria humanidade e de nossas múltiplas faces”, proposta por Ricoeur (1994) e tão bem refletida por Passeggi quando sugere que, enquanto sujeito, “sofremos e agimos ao mesmo tempo, o tempo todo” (2016, p.70). Ou seja, ao narrar, a criança, ainda que subordinada a regras sociais, tem sempre margem de iniciativa e decisão para reconstruir a sua realidade e fá-lo na sua inteireza, com o seu pensar, o seu sentir e o seu querer, isto é, afirma-se como sujeito biográfico.

Passeggi distingue claramente o sujeito epistémico do sujeito biográfico, entendendo o primeiro como “sujeito do conhecimento, capaz de conhecer, de reflectir, de sistematizar”⁴⁸, e o segundo como “sujeito do autoconhecimento, capaz de conhecer-se, de refletir sobre sua própria natureza, o que o faz humano, em que e porque se diferencia de outros seres e

48 Sujeito epistémico, cognoscente ou do conhecimento, designa um conceito apresentado por Piaget para o campo da Psicologia e da Educação, o qual diz respeito às estruturas mentais comuns a todos os seres humanos, estruturas essas que viabilizam a possibilidade de estabelecer relações entre diferentes informações, logo, de aprender.

a eles se assemelha, para daí depreender teorias” (ibid, 71); ou seja, o primeiro enquanto ser racional, em que o pensamento é a base para a construção do conhecimento, enquanto o segundo se concretiza no João, na Ana, na Maria, com as suas estruturas mentais mas também com sentimentos, com emoções, com experiências de vida própria, autoras das suas narrativas.

Boaventura de Sousa Santos refere que a separação entre sujeito epistémico e sujeito empírico se deu como forma de a ciência moderna se querer afirmar como rigorosa, objectiva, factual, em confronto com um tipo de ciência em que os valores humanos, religiosos, estavam também presentes. Neste caminho, consagrou-se “o homem como sujeito epistémico, mas expulsou-o enquanto sujeito empírico” (2002, p. 81), pelo que a investigação com narrativas biográficas vem apresentar-se como contracorrente, reafirmando o valor dos sujeitos biográficos como co-construtores, e não só objeto, de conhecimento científico. Quando a investigação é realizada com narrativas biográficas de crianças, essa rutura é dupla: primeiro pelas razões já expressas, segundo porque a aceitação de “processos em que as crianças são consideradas atores, com um papel mais ou menos ativo, mas sempre importante no conhecimento que se constrói acerca delas” (FERNANDES, 2016, p. 761), é um caminho ainda pouco percorrido e ainda muito questionado por uma parte significativa da comunidade científica.

Quando, porquê e como as crianças elaboram narrativas biográficas?

As crianças elaboram narrativas (auto)biográficas no seu dia-a-dia, sem ser preciso provocá-las nesse sentido, seja em situações naturais, por exemplo, quando brincam, ao conversarem, ao fazerem associações com conteúdos disciplinares que estão a ser abordados na sala de aula ou quando são entrevistadas com um propósito de pesquisa previamente determinado. As narrativas (auto)biográficas produzidas em contexto educativo podem ser relevantes, ao mesmo tempo ou não, a dois níveis, o pedagógico e o investigativo. O primeiro, para os professores

que partam da observação das crianças, dos seus interesses e necessidades para a planificação da ação educativa; o segundo, para a concretização de pesquisas com objetivos vários, sendo comum, no âmbito da formação de professores, a articulação dos dois propósitos numa perspetiva de investigação para a melhoria das práticas.

A maior ou menor oportunidade de as crianças produzirem narrativas biográficas na escola, revela a visão que os professores têm sobre estas, ora como meros estudantes de conteúdos académicos, ora como pessoas que têm algo a dizer sobre as suas vidas e que constroem o seu conhecimento numa interação constante entre os seus referenciais vivenciais próprios (quem sou, como sou, de onde sou, qual a minha história de vida) e os saberes entendidos como pertinentes para cada grupo de crianças, numa sociedade, tempo e espaço próprios. Em termos pessoais, e na linha de Carmen Pérez, inscrevemo-nos na linha dos que entendem que as narrativas que se desenvolvem em conversas em contexto educativo, podem constituir-se

[...] em dispositivos de produção de uma cultura escolar que reinventa a sala de aula a partir das redes de conversações tecidas por professoras e crianças, que colectivamente, no exercício do diálogo e na atitude da escuta, engendram movimentos de desconstrução e reconstrução de saberes e práticas e possibilitam a emergência de novas experiências [...]. (2014, p. 240).

Nos jardins-de-infância, seja qual for o modelo pedagógico desenvolvido, a manhã inicia-se por uma roda de conversa em que, a exemplo da árvore das palavras⁴⁹, as crianças partilham as suas narrativas, em que se desenvolve a socialização na relação de cada um com o seu grupo de pertença, manifestando já aí a filtragem mais ou menos apurada de acontecimentos familiares, tendo, ao longo da rotina pedagógica e nas diferentes áreas em que as salas se encontram organizadas, outras oportunidades de lhes darem continuidade ou de iniciarem outros relatos. Por sua vez, nas escolas do 1ºciclo, comumente, o tempo e o espaço

49 A *árvore das palavras*, é uma designação africana para um espaço público tradicional em que, à sombra de uma árvore, as pessoas se juntam para conversarem e tomarem decisões comuns.

estão fortemente condicionados pelo programa curricular a cumprir, não sendo muito usual a prática de conversação entre crianças e professores, salvo em salas onde se desenvolvem modelos pedagógicos em que a socialização é um dos principais princípios consagrados. Ainda assim, em salas de 1º ciclo, é recorrente observarmos crianças que, a partir da abordagem de alguns conteúdos, estabelecem associações com experiências pessoais, narrando-as.

Ao narrar, a criança coloca-se por inteiro naquilo que diz, seja por palavras, seja servindo-se de outras formas de expressão, evidenciando-se como “sujeito de carne e osso, feito ao mesmo tempo de razão e emoção, transpassado pela experiência e capaz de reflectir sobre si mesmo” (PASSEGGI, 2016, p. 71). Ferrarotti (2013) defende que as pessoas, estão preocupadas com os problemas que as inquietam e buscam uma ciência de mediações suscetível de lhes trazer respostas, o que se evidencia, em muitas narrativas biográficas de crianças, procurando com as suas expressões orais, escritas, pictóricas ou noutra recurso, dar forma ao seu pensar e sentir, eventualmente procurando superar situações de mal-estar, de satisfação ou de desejo por algo que não existe.

Ao narrar a sua experiência a criança desdobra-se como espetador e como personagem da situação narrada, assumindo-se como ator social que sente, contesta e se posiciona, dando forma à sua condição de agente social que “age no mundo de vida, não para exercer papéis preconcebidos, mas em virtude de uma ação reflectida situada no seu próprio horizonte biográfico” (PASSEGGI, 2016, p. 82). A observação da criança em ação numa sala de jardim-de-infância facilmente nos comprova isto quando, por exemplo, na área da casa das bonecas, inicia a brincadeira dizendo ‘*Eu era a mãe...*’, e nesse papel social, com um misto de passado e de condicional mas que se torna presente no momento em que brinca, (re)ativa e (re)constrói as suas experiências de interação com os outros. Ou seja, numa atividade de faz-de-conta, a criança biografiza-se, ativando “operações mentais, comportamentais e verbais pelas quais o indivíduo não cessa de inscrever sua experiência e sua ação em esquemas temporais orientados e finalizados” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 525).

Muitas crianças pequenas, numa fase em que a realidade e a imaginação se confundem, produzem, como sendo suas, narrativas em que integram personagens e ocorrências meramente fruto da sua imaginação. Outra das características das narrativas das crianças pequenas é a sintetização do que pretendem dizer em frases curtas, conseguindo, em poucas palavras, dizerem o que desejam.

Narrativas biográficas de crianças e construção de si na interação com os outros

Uma das dimensões das narrativas biográficas é a autopoiese, isto é, a capacidade de o indivíduo se produzir a si mesmo. Vindo da biologia, este termo traduz a autoreprodução celular numa perspectiva da (re)construção orgânica. No caso das (auto)biografias das crianças esta situação é recorrentemente evidenciada quando as mesmas, por exemplo, ao verem desenhos realizados meses atrás se pronunciam com admiração do como o faziam e do porque o faziam dessa forma, neste passear entre o 'eu era' e o 'eu sou' que vai dando balanço à sua (re)construção identitária.

Ricouer (1994, in PASSEGGI, 2016) refere que as narrativas biográficas integram uma tríplice mimese: a prefiguração, a configuração e a refiguração. As narrativas biográficas de crianças também integram, obviamente, estas três fases: a primeira é caracterizada pela evocação, em que falam sobre o que querem, descrevem situações, sem qualquer preocupação com a sequencialidade temporal ajustada; na segunda, a configuração, a criança reflete e dá mostras dessa reflexão, posicionando-se face às situações ocorridas ou imaginadas, procurando encontrar razões e dar sentido às mesmas, numa fusão intrínseca entre razão e emoção. Nesta fase, a criança, ao mesmo tempo sujeito biográfico e epistémico, utiliza princípios, regras e estratégias, ou seja, mobiliza diferentes tipos de estruturas, as quais incorpora na sua construção, fundindo assim conhecimento e experiência. Por fim, na refiguração, surge a narrativa final, em que é sistematizado o processo e

assumida a biografia. Ou seja, ao narrar a criança recorda, pondera e projeta-se, ajudando-nos, enquanto investigadores, a “reflectir sobre os vínculos entre memória, reflexão e busca de alternativas que sinalizam a capacidade da criança se projectar em devir” (PASSEGGI, 2014, p.140), sendo a memória, a reflexão e a projeção de si componentes basilares nas narrativas (auto) biográficas.

A *biografização*, conceito desenvolvido por Delory-Momberger no campo da pesquisa (auto) biográfica, enquanto processo de *escrita de si*, constitui-se como objeto de pesquisa biográfica ao “explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, 524). As narrativas (auto)biográficas contribuem, subscrevendo a autora, “para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social” (id, 2012, p. 524). O carácter singular das narrativas biográficas (‘é a minha história; eu narro a minha experiência de vida’) não se traduz, na nossa perspectiva, por individualista, na medida em que cada um vive em interação permanente com os seus contextos socio-históricos, mundos esses de que a criança é, ao mesmo tempo, ator social (assume o papel que a sociedade lhe atribui), autor (afirma a sua individualidade de pensamento, emoção e ação) e agente (reconstrói e transforma a realidade).

Investigar com narrativas (auto) biográficas de crianças

As narrativas (auto)biográficas das crianças têm algumas particulares a nível da formulação das mesmas e das condições desejadas para que as mesmas emirjam, pelo que a sua escuta e a interpretação exige um conhecimento substantivo sobre como as crianças vivenciam as situações e dão forma expressiva às mesmas. A escuta das crianças implica, da parte do investigador, “envolver-se com elas em diálogos sustentados, bem como observá-las e participar com elas em diferentes atividades

(FOLQUE, 2010, p. 256, tradução nossa). Na medida em que a ludicidade é inerente à vida das crianças, “é necessário propiciar a elas um espaço lúdico em que sejam oferecidas ferramentas semióticas (contos, desenhos, brinquedos) através das quais a criança possa se expressar, pensar sobre si mesma e/ou sobre o mundo, enfim narrar” (DE CONTI e PASSEGGI, 2014, p. 154), o que é entendido como uma condição de base, quase de garantia, para o sucesso dessa componente investigativa.

Seguindo Folque, as “entrevistas (com crianças) são vistas como atividades que implicam diálogos entre pessoas em contextos particulares” (2010, p. 256). A realização de entrevistas com crianças carece de um clima de grande empatia, num contexto de familiaridade, em que se sintam seguras e confiantes (FOLQUE, 2010; CLARK, 2005). É importante que as crianças possam escolher os colegas a integrar o grupo com o qual a entrevista será realizada, de forma a sentirem-se mais à vontade. De acordo com as indicações para a realização de entrevistas narrativas (APPEL, 2005; SCHUTZE, 2011), as questões devem ser abertas, permitindo ao narrador expressar o que pretende. A fluência verbal, o léxico vocabular, as competências comunicativas divergem entre as crianças, pelo que essas indicações têm que ser, naturalmente, adequadas de forma a permitir a cada uma expressar-se a partir do que é e de como é, sentindo apoio externo para garantir que a sua narrativa é entendida. Estratégias como o uso de um alienígena, de um pequeno texto ou imagem que se lê ou vê e sobre o qual se propõe que se pronunciem (DE CONTI e PASSEGGI, 2014; CLARK, 2005), preferencialmente numa organização de grupo reduzido, com um caráter conversacional, podem ser facilitadores da emergência da narrativa.

Questões éticas na investigação com narrativas (auto)biográficas de crianças

Os métodos (auto)biográficos, na medida em que se afirmam como ‘auto’, de si, que se realizam com a voz do biografado, implicam a voluntariedade do próprio em narrar o que é seu,

aspectos da sua experiência pessoal. Uma narrativa (auto)biográfica traduz uma exposição pública do que é íntimo, uma expressão da construção como cada um organiza as situações vivenciadas. A escuta de alguém que *se conta* para nos permitir, enquanto investigadores, construir conhecimento, obriga a uma postura ética irrepreensível, seja quanto ao conhecimento informado da criança e dos seus representantes legais sobre os objetivos do estudo, seja no respeito pela forma e dimensão como a criança pretende realizar a sua narrativa.

O princípio de consentimento informado, associado à forma colaborativa, epistemologicamente definida como base de construção de conhecimento com esta metodologia, traz implicações sobre como e quais as narrativas de crianças são suscetíveis de integrar uma investigação. As narrativas biográficas das crianças mais pequenas ocorrem num contínuo, nem sempre num tempo pré-definido, como acima dissemos. Compreender o que as crianças expressam, como o fazem e para que o fazem, implica, assim, um acompanhamento duradouro, um trabalho de âmbito etnográfico, com a presença prolongada no cenário de ação (FOLQUE, 2010). Ora, as obrigações face à utilização do consentimento informado, fazem sentido sempre que existe o propósito investigativo, quer no caso em que a recolha das narrativas se faça ocasionalmente, à medida que as mesmas acontecem no quotidiano educativo (FOLQUE, 2010; CLARK, 2005), quer quando a investigação segue um curso formal, com tempos demarcados para a realização de momentos de entrevista. É um direito da criança saber o que o investigador pretende realizar quando se encontra no espaço pedagógico.

Falar de crianças até aos dez anos, de um meio socio-económico e habilitacional semelhante, inclusive dentro da mesma família, implica assumir, mesmo assim, a diversidade; a experiência de vida, os interesses, as formas de expressão, o ciclo educativo que frequentam, a noção de si e do Outro, entre muitos outros aspetos, divergem consoante o perfil individual, o desenvolvimento e o conhecimento e as experiências que cada uma possui. Ora, no campo estrito da investigação, as oportunidades de uma criança que frequenta um jardim-de-infância, que tenha entre três e seis anos, poder autorizar o uso do que

conta de si (e ao contar de si, conta também dos outros com que se relaciona e com quem a sua vida se entrelaça e que não são ouvidos na hora da decisão), pode ser muito questionável. Os mesmos riscos podem ocorrer com crianças um pouco mais velhas, no entanto, estas, em princípio, têm já um processo de socialização mais longo, o que lhes permite fazer antecipações mais críticas sobre o que expor de si e dos seus. Ao investigador (auto)biográfico não cabe definir o que a criança pode ou não narrar; espera-se deste investigador que tenha uma atitude de plena escuta e aceitação da narrativa. No entanto, na base da garantia pelo anonimato, cabe-lhe a responsabilidade de saber o que tornar público das narrativas recolhidas, sempre na “defesa de que a salvaguarda é fundamental na edificação de uma relação de respeito com a criança, na qual seja defendido, em qualquer momento, o seu interesse superior” (FERNANDES, 2016, p.766). Ou seja, acautelando-se o rigor subjetivado da interpretação dos dados, com base numa fundamentação teórica segura e numa reflexividade bem sustentada, os textos que daí decorrem não podem, com uma justificação do valor literário do mesmo, pôr a descoberto estratos da narrativa que extrapolem a confidencialidade requerida.

Falar das experiências pessoais implica, muitas vezes, mexer em memórias disfóricas e portadoras de sofrimento, aspeto que nem sempre se antecipa quando se inicia o processo narrativo. Segundo Fernandes (2016), o protecionismo face a uma visão de vulnerabilidade das crianças é apontado muitas vezes como justificação para as mesmas não serem ouvidas em processos de investigação. Ora, esta é uma das questões com que nos deparamos: por um lado, afirmamos as narrativas biográficas de crianças como forma de assumir a sua autoria e “atorial social” (id, 2016, p.762); por outro lado, sabemos dos riscos emocionais que o processo (auto)biográfico pode integrar e rejeitamos colocar as crianças em situação de vulnerabilidade; e, ainda, rejeitamos que estratégias protecionistas possam interferir e desvirtuar a validade do processo metodológico.

Sem se pretender, com o presente texto, determinar formas de resolução dos nossos dilemas epistemológicos, fica, contudo, a desocultação da problemática e a certeza de que a

resolução da mesma exige uma permanente reflexividade e monitorização ética do investigador, com a assertiva de que o interesse pela finalização da pesquisa não se pode sobrepor e negligenciar os danos que a mesma possa causar.

Riscos da interpretação por adultos das narrativas (auto)biográficas das crianças

Gaston Pineau, na síntese final do Colóquio “Paysan polonais en Europe et en Amérique”⁵⁰, realizado em em Wrocław, Polónia, salientou a referência ao prefixo ‘co’, entendendo-o como fundamental na forma como as narrativas biográficas são hoje construídas e analisadas. Seja na perspetiva da (auto)formação, seja no uso das mesmas no trabalho social (educativo, psicológico ou outro), há sempre dois sujeitos em ação, o investigador e o narrador, os quais cooperam na produção da própria narrativa. A emergência de narrativas biográficas **com** crianças, ao

Admitir que as crianças são capazes de refletir sobre próprias experiências e legitimar sua reflexão como fonte de pesquisa ‘introduz’ pelo menos duas grandes rupturas no campo científico. A primeira concerne à representação tradicional da criança, definida pelo que lhe falta, portanto, sem experiências e cujos testemunhos não são dignos de fé. A segunda decorre da primeira, a validade de sua palavra, como fonte para a pesquisa educacional. (PASSEGGI, 2014, p.137).

O que é muito relevante para a afirmação da cidadania da criança. Digamos, então, que há aqui dois sujeitos, no entanto, apresentamos as nossas sérias dúvidas se na interpretação final se evidencia, de facto, a análise paritária do narrador e do investigador, e se essa desigualdade não está muito imbuída

50 Este Colóquio teve como finalidade celebrar o primeiro centenário do lançamento do livro que dá o nome ao evento, escrito por Florian Znaniecki et William Thomas, obra essa pioneira na difusão da pesquisa biográfica e que constituiu o início da afirmação deste campo e método científico. O Congresso, participado por cerca de duzentos investigadores, reuniu os principais especialistas desta área, permitindo assim fazer uma sistematização dos avanços e do estado atual do conhecimento nesta área.

das estruturas de poder desigualmente distribuídas entre adulto e criança. Este desnivelamento ocorre em qualquer investigação, em que o poder do investigador é diferente do investigado, quer se trate de narrativas biográficas de adultos ou de crianças; de qualquer forma, neste último caso, os riscos de uma interpretação desajustada poderão ser maiores na medida em que o tempo, as circunstâncias, a estruturação social na base da qual se efetiva a experiência de cada um, na geração da infância, é muito diversa num e noutro caso. A interpretação investigativa de narrativas biográficas de crianças, é sempre uma interpretação de adultos sobre os sentidos que as crianças colocam (ou não) nas suas falas, no entanto, são essas estórias que garantem a margem de poder dos narradores, “já que o pesquisador não pode ter acesso a eles a não ser pelas entradas que os sujeitos lhe dão mediante os atos de biografização a que se entregam” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 525). Interpretar narrativas biográficas de crianças obriga a ter um conhecimento profundo das formas de ser, pensar e agir das crianças, de forma a “darem-se os meios de apreender e compreender as biografias individuais, isto é, os espaços-tempos singulares que cada um configura a partir da conjugação de sua experiência (e da historicidade de sua experiência) e dos mundos-de-vida, dos mundos de pensar e agir comuns de que participa” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526), o que obriga, para se romper com alguns dos riscos que daí advêm, a explicitar detalhadamente as condições de realização da pesquisa.

A criança tem uma margem de participação significativa na produção dos dados e nas oportunidades de interpretação que os mesmos possibilitam, na medida em que nas suas narrativas não fazem ‘cópias’ lineares do mundo dos adultos; elas apropriam-se e ressignificam esse mundo (PEÑA, 2014, p. 176). Corsaro afirma que as crianças, ao mesmo tempo que se apropriam da cultura, interferem culturalmente, a partir dos significados que atribuem às situações, agindo no sentido da transformação das mesmas, formulando conhecimentos próprios e produzindo culturas próprias e únicas; ou seja, as crianças são ‘agentes competentes’ (CORSAO, 2003), que vivem em mundos sociais em que não são neutras e meras recetoras, o

seu 'eu' está em constante desenvolvimento entre o seu interior, as condições externas com que se entrelaça, em tempos e em espaços demarcados. Nessa perspectiva, como lembra Furlanetto

[...] tornam-se necessárias revisões nas teorias a respeito dos processos de socialização: se por um lado as crianças são estimuladas a se apropriarem de elementos culturais e dessa forma a se assemelharem entre si, por outro, ao viverem esses processos não internalizam simplesmente os padrões oferecidos pelos adultos, mas os interpretam, o que implica viver, simultaneamente, processos de socialização e de singularização. (2014, p. 164).

Digamos, então, que o trabalho de investigação com narrativas biográficas de crianças protagoniza as crianças como atores sociais com autoria na produção das suas narrativas, do sentido que atribuem às mesmas e na influência que podem exercer nos seus grupos de pertença; logo, são sujeitos, encontram aqui um espaço relevante na sua afirmação social e poder político (FOLQUE, 2010), ainda que, em se tratando de uma investigação acadêmica, as suas narrativas biográficas integrem também uma dimensão de objeto de análise.

Terminando sem concluir...

A elaboração deste texto teve um tempo longo de preparação, iniciando-se por uma forte inquietação sobre os sentidos a atribuir à produção de narrativas (auto)biográficas com crianças. Os principais dilemas situa(va)m-se entre o conhecimento de como *falar de si* comporta riscos emocionais nem sempre antecipados e a questão ética existente nos métodos (auto)biográficos, em relação ao consentimento informado, quando sabemos como ao *falar de si* sempre se fala dos outros em que cada vida se entrelaça e que não são chamados a autorizar a sua referência na narrativa. Estas questões estão sempre presentes, no entanto, a experiência, observação e conhecimento sobre crianças, permite-nos afirmar que os problemas que daí podem decorrer, são muito vincados entre as crianças mais pequenas.

A decisão por esta escrita levou-nos a orientar a observação em contextos de jardins-de-infância e escolas do 1º ciclo, frequentados por crianças entre os 3 e os 10 anos de idade, no sentido de percebermos se, como, quando e com que propósitos as crianças produzem narrativas (auto)biográficas. Percebemos que essa é uma realidade muito presente no quotidiano educativo, verificando-se que as crianças são muito ricas na produção de narrativa, sendo que nos jardins-de-infância existem vários momentos da rotina pedagógica em que tal acontece, ora de forma espontânea ora mesmo induzido pelos profissionais, enquanto que nas escolas do 1º ciclo, as oportunidades de as crianças falarem de si ocorre menos vezes, sendo comum que tal aconteça por associação de memórias a algum conteúdo programático que esteja a ser trabalhado. O que os professores fazem com essas narrativas (auto)biográficas difere de caso para caso, consoante a visão que cada um tem sobre a criança enquanto tal ou no seu papel de aluno, e sobre a forma como organizam e gerem a sua ação pedagógica. A observação da produção destas narrativas fez-nos pensar que, para além do interesse pedagógico que as mesmas possam ter, também para o campo específico da investigação estas (auto)biografias podem ser mobilizadas. Verificamos também que as crianças colocam grande entusiasmo quando se narram, fazendo-o integralmente, ou seja, com palavras, com emoção, com expressões corporais... Além disso, como o comprovam alguns estudos assim realizados, no espaço educativo, é possível desenvolvermos investigação dentro deste paradigma, com base em formatos mais formais, em que se realizem entrevistas previamente combinadas.

A reflexão levou-nos à leitura de alguns textos, uns que abordam a investigação com crianças em termos gerais, outros que se situam no campo específico das narrativas (auto) biográficas de/com crianças. Daqui pudemos depreender que este último é um campo em emergência, em que o Brasil surge como timoneiro.

Do nosso questionamento partilhado com outros investigadores e com professores de crianças pequenas, da observação realizada e da análise conceptual, saímos reforçadas no posicionamento de que a participação das crianças nos processos

investigativos que lhes digam respeito, no sentido de “nada da criança sem a criança” (PASSEGGI, 2014, p. 133), é um direito que afirmamos, assumindo a sua atoria social e (co)autoria investigativa.

Inferimos também que a validade da investigação com métodos (auto)biográficos passa, na fase inicial de qualquer estudo, pela clarificação de qual a modalidade que vai ser seguida (biografias, histórias de vida, autobiografias, ou outras), bem como das condições de realização da pesquisa, explicitando se o propósito é investigar com as crianças, sobre crianças, ou sobre infâncias.

Retomando uma citação inscrita no início do texto, estamos conscientes que cada criança está “exposta a múltiplas vozes, múltiplas perspectivas” (LEAL da COSTA e SARMENTO, T. 2018, s/n), pelo que a sua narrativa (auto)biográfica decorre dessa interação entre si e os outros, em que cada uma, na sua narrativa biográfica, não é mais um sujeito individual finito em si mesmo, mas um ser social que de forma singular expressa a sua experiência de vida.

Para subtítulo deste último ponto, retomamos o que já utilizamos em texto anterior por nos parecer o adequado para o propósito do seguimento que se pretende, ou seja, o de alargar a discussão e o aprofundamento destas questões com outros investigadores e com a escuta de crianças e a co-produção das suas (auto)biografias.

Referências

- ALANEN, Leena. Explorations in generational analysis. In ALANEN, L.; MAYALL, B. (Org.). *Conceptualizing child-adult relations*. London: Routledge, p. 11-22. 2001.
- APPEL, Michael. La entrevista autobiográfica narrativa: fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum Qualitative Social Research [On-line Journal]*, v. 6, n. 2. 2005.
- DE CONTI, Luciane e PASSEGGI, M^a da Conceição. Reflexões metodológicas sobre a pesquisa com narrativas de crianças. In Mignot, A.

- Sampaio, C. e Passeggi, M^aC. (Orgs), *Infância, Aprendizagem e Exercício da Escrita*. Curitiba: Editora CRV, 149-160. 2014.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v.17, n^o51, p. 523-536. 2012.
- CLARK, Alison. Ways of seeing: using the Mosaic approach to listen to young children's perspective. In Clark, A., Kjørholt and Moss, P. (eds.) *Beyond Listening*. Children's perspectives on early childhood services. Bristol: Policy Press, pp. 29-49. 2005.
- FAVORETO, Elizabeth; ENS, Romilda. Pesquisas com crianças: contribuição para se repensar a prática pedagógica na educação infantil e os cursos de formação de professores. In: Ena, Romilda; Garanhan, Marynelma (Orgs.). *Pesquisa com Crianças e a Formação de Professores*. Curitiba: PUCPRESS, pp.45-72. 2015.
- FERRAROTTI, Franco. *Sobre a Ciência da Incerteza: o método biográfico na investigação em Ciências Sociais*. Mangualde: Ed. PEDAGO e Ed. MULEMBA, 2013.
- FERNANDES, Natália (2016). Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21 n. 66, p. 759-779. 2016.
- FOLQUE, Assunção. Interviewing Young Children. In Naughton, Rolfe e Siraj-Blatch (Orgs), *Doing Early Childhood Research*. Australia: Allen & Unwin. 2010.
- FURLANETTO, Ecleide. Contribuições das crianças para (re)pensar as escolas de infância. In Mignot, A. Sampaio, C. e Passeggi, M^aC. (Orgs), *Infância, Aprendizagem e Exercício da Escrita*. Curitiba: Editora CRV, 161-172. 2014.
- JAMES, Allison; JAMES, Adrian. *Key concepts in childhood studies*. London: SAGE. 2008.
- LEAL DA COSTA, Conceição e SARMENTO, Teresa (2018). Escutar as crianças e (re)configurar identidades – interações com voz. in *Revista Educação em Análise – Cassiana Magalhães e Greice Ferreira (Orgs)*, Dossier INFÂNCIAS: Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. 2018. (no prelo).
- PASSEGGI, M^a da Conceição et al. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. *Educação*. Santa Maria, 39 (1)2, 147-156. 2014.
- PASSEGGI, M^a da Conceição, NASCIMENTO, Gilcilene & SILVA, Vanessa. Narrativas da Infância: a escola no mundo urbano e no mundo rural. *Educação e Linguagem*, 19 (2), 147-156. 2016.
- PASSEGGI, M^a da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In

- Mignot, A. Sampaio, C. e Passeggi, M^aC. (Orgs), *Infância, Aprendizagem e Exercício da Escrita*. Curitiba: Editora CRV, 133-147. 2014.
- PASSEGGI, M^a da Conceição. *Narrativas da Experiência na Pesquisa-Formação. Do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico. Roteiro, Joaçaba*. 41 (1), 67-86. 2016.
- PEÑA, Andrés. Los espacios pre-escolares vivenciados y narrados por niños y niñas: estudios sobre la formación de la infancia desde un enfoque denominológico-narrativo. In Mignot, A. Sampaio, C. e Passeggi, M^aC. (Orgs), *Infância, Aprendizagem e Exercício da Escrita*. Curitiba: Editora CRV, 173-192. 2014.
- PÉREZ, Carmen. De criança para criança: a produção da revista electrónica “Tô de olho” como afirmação da autoria. In Mignot, A. Sampaio, C. e Passeggi, M^aC. (Orgs), *Infância, Aprendizagem e Exercício da Escrita*. Curitiba: Editora CRV, 235-248. 2014.
- PERRENOUD, Philippe (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Coleção Ciências da Educação, nº 19. Porto. Porto Editora.
- QVORTRUP, Jens. Generations: an important category in sociological research. In: *Actas do Congresso Internacional dos Mundos Sociais e Culturais da Infância*. Braga, 2000. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2000. v.2 p. 102-113.
- SANTOS, Boaventura Sousa (2002). *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. 4^a ed. São Paulo: Cortez.
- SARMENTO, Manuel. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.* v.26 n..91, p. 361-378. Campinas May/Aug. 2005.
- SARMENTO, Teresa. *Infâncias e crianças em narrativas de educadoras de infância*. in *Pesquisa (auto)biográfica, infâncias, escola e diálogos intergeracionais*, Passeggi, Furnaletto e Palma (Org.) (pp.77-94). Curitiba: Editora CRV. 2016.
- SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

